

RELIGIÃO E IDENTIDADE: A RELIGIOSIDADE COMO UM PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Pedro Vinicius Rossi

INTRODUÇÃO

A temática da religiosidade possibilita trabalhar sobre diversas perspectivas analíticas, partir de inúmeras categorias de análise teóricas, e focar sobre as características mais latentes – evidentes ou obscuras – presentes na modernidade. Uma análise consistente dos aspectos religiosos, num panorama geral, permite perceber a persistente existência da religião ainda imbricada na sociedade atual. Mesmo os aspectos modernos parecem subjugar e abastecer as características mais distintivas da moral religiosa. Os processos de desencantamento aparentam discordâncias que parecem fraquejar nas relações seculares. Em contraposição às perspectivas modernas, busca-se compreender como os meandros desse processo desenvolvem-se na atual condição da volatilidade da modernidade atual.

Parte dessa pesquisa veio a objetivar-se em analisar o perfil da religiosidade presente na formação identitária dos estudantes participantes de reuniões compostas por temáticas religiosas no *campus* da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Ademais, tencionou-se compreender as relações entre a modernidade, a religiosidade e a identidade por meio da análise de dados coletados dentre os graduandos do campus, das reuniões temáticas de intento religioso, principiando à pesquisa participativa de cunho etnográfico.

Partindo dos pressupostos averiguados, tornou-se possível analisar o perfil da religiosidade existente no *campus* universitário, presente na formação identitária dos estudantes participantes das reuniões compostas por temáticas religiosas dentro do espaço físico da universidade. Incluso em uma modernidade de afinidades relativizadas, processos desordenados de apreciações derivadas de uma liquidez societária, a busca por certezas, a busca por solidez, presentes nas matizes e doutrinas religiosas, possibilita ao graduando afeiçoar-se às características do processos de formação identitário estabelecidos na perspectiva da abstrusa modernidade.

A análise epistemológica dos estudos realizados acerca da temática religiosa revela, dentre distintos fatores de compreensão e pesquisa, diferentes aspectos metodológicos e analíticos que se seguiram a partir das diversas perspectivas abordadas; na percepção de diferentes autores que se detiveram em analisar o tema, superficial ou intimamente, sobre os

mais diferentes aspectos, sobre as mais diferentes realidades, e sobre as diversas influências face à sociedade.

Para Durkheim (1989), a religião auxilia na manutenção da coesão social a partir de uma identidade coletiva gerada por um ambiente comum em símbolos, signos e ideias. A religião teria, portanto, a relação funcional que possibilitaria o fortalecimento dos laços de coesão social; o processo de interiorização e reconhecimento identitário mútuo é perceptível a partir da observação e análise das cerimônias ritualísticas, que perfazem o contexto da reafirmação das crenças mútuas e coletivas de determinado grupo, fortalecendo e conservando uma ordem social estabelecida – num contexto de paridade entre os termos – que possibilitaria a manutenção dos aspectos inerentes à coesão social.

Para Weber (1967), a análise compreensiva e comparativa dos diferentes aspectos e das diferentes características, presentes em determinados grupos religiosos nas distintas sociedades analisadas, possibilitou inferir como a religião orienta e determina as ações dos indivíduos, definindo o comportamento e a conduta social relacionada as escolhas e orientações religiosas professadas. A partir dessa perspectiva analítica, é possível inferir como a relação entre as razões determinantes para a escolha e adesão de indivíduos e grupos a crenças e religiões específicas, interferem e influenciam nas expectativas, nas ações, e no comportamento desses indivíduos.

Para Marx (1968), as análises sobre as características e inferências da religião sobre a sociedade poderiam ser compreendidas de uma forma dicotômica. A religião atuaria como um processo de conformidade à realidade social, a partir da lógica dos processos de alienação; pressupondo o fator relacional da não compreensão dos aspectos inerentes a concepção intelectual de sua própria história, os homens criam forças divinas aquém de sua própria gênese, atribuindo as ações de seus deuses certos valores e normas outorgados que, na realidade, são criações sociais moldadas e transformadas – de modo positivo ou negativo – no interior da própria sociedade. Numa outra relação possível, a religião apresenta-se como uma exegese de conhecimento e explicação da própria realidade, o que possibilita atribuir sentido as relações sociais e políticas, determinando significações que permitam compreender e confrontar as relações sociais, que definem tanto os processos de conformidade como os processos de orientação das condutas relacionais.

Possuindo como base os pressupostos dispostos nas distintas análises e percepções clássicas sobre a temática abordada neste trabalho, a necessidade de compreensão das nuances da religiosidade se apresenta, atualmente, vinculada aos fatores modernizantes da atual sociedade. Os três teóricos citados apresentam perspectivas de análises diferentes para

um mesmo tema, porém, as principais ideias presentes no pensamento de cada autor possibilitam uma análise abrangente, de questionamentos descritivamente dirigidos, que possibilitam compreender as formas como as relações entre a religião e a religiosidade se apresentam, se transformam, e interagem entre si e para com o indivíduo e a sociedade dentro dos aspectos modernos.

ASPECTOS GERAIS

As características estruturais que se apresentam na sociedade moderna contém, em sua essência, nuances de miscelâneas das diversas relações justapostas entre si. Concorrendo em um mesmo ritmo, simultaneamente, diversas variáveis interagem sobre os aspectos mais distintos, interferindo e/ou objetivando, uma série de relações socialmente adquiridas ou idealizadas, que interatuam desordenadamente entre si. Essa tumultuada afinidade de cores possibilita, no entanto, encontrar padrões que seguem tangenciando a realidade a partir das inferências relacionais dentre os fatores possíveis de serem analisados.

A religião e a religiosidade apresentam-se como um fator característico desse modelo, podendo compor uma análise tanto estrutural e objetiva, como performática e subjetiva. Para tanto, faz-se necessário considerar a base analítica a partir de um ponto onde a modernidade consubstancie uma intersecção, relativizada ou não, com os aspectos intrínsecos da religião/religiosidade nas situações em que há a atuação desta sobre o indivíduo e/ou sobre a sociedade.

No intento de compreender, primeiramente, a relação estrutural entre a religião e a sociedade, o Quadro 1, disposto a seguir, possibilita visualizar um panorama geral à tendência religiosa no Brasil, o crescimento e o decaimento, a partir dos números absolutos referentes a população com base na totalidade do território nacional.

Quadro 1. População presente e residente, por religião (1970-2010).

Ano	Católica	Evangélica	Espírita	Sem religião	Outras denominações	População total
1970	85.472.022	4.814.728	1.178.293	715.056	954.747	93.134.846
1980	105.861.113	7.885.846	1.538.230	2.252.782	1.473.081	119.011.052
1991	122.366.692	13.189.284	2.292.819	7.542.246	1.434.434	146.825.475
2000	124.980.132	26.184.941	2.262.401	12.876.356	3.495.340	169.799.170
2010	123.280.172	42.275.440	3.848.876	15.335.510	6.015.801	190.755.799

Fonte: Directoria Geral de Estatística, [187?]/ 1930, Recenseamento do Brazil 1872/1920; IBGE, Censo demográfico 1940/2010. Até 1991, dados extraídos de: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro : IBGE, vol. 54, 1994.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1950/2010. Até 1991, dados extraídos de Estatísticas do Século XX, Rio de Janeiro : IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1994, vol 54, 1994.

Apesar do crescimento absoluto nos números totais da população no país, os números possibilitam perceber de forma ilustrativa como o crescimento e/ou o decaimento, da própria essência quanto ao aspecto religioso da população brasileira, modifica-se mais acentuadamente na disposição entre as denominações religiosas, pouco variando em conformidade com aqueles que se declararam sem religião. É importante ressaltar que, esse aspecto geral da presença religiosa dentre a população integra um quadro precedente quanto a análise do desenvolvimento, da ação e do comportamento, dos indivíduos na sociedade frente as particularidades da modernidade que se apresenta.

875

TRABALHO DE CAMPO

Com a finalidade de elaborar um diagnóstico analítico sobre as relações entre a presença religiosa no interior do *campus*, os vínculos sociais modernos, e a construção da identidade religiosa – a partir dos grupos estudantis de estudo e auxílio que encontram-se presentes na Universidade Estadual de Londrina – optou-se por uma abordagem metodológica que possibilita-se a compreensão e a análise baseada no discurso, na experiência antropológica, na possibilidade da análise, tanto subjetiva quanto objetiva, do material coletado e desenvolvido no decorrer da investigação.

Pesquisas anteriores, no âmbito da temática proselitista, possibilitaram compreender como a religiosidade procura infiltrar-se por dentre as características difusas de uma modernidade substancialmente confusa, atuando sobre as perspectivas e desventuras (desafios, diversidades, infortúnios, infelicidades) do processo de amadurecimento e

desenvolvimento do indivíduo no contexto moderno. As investigações desenvolvidas nessa conjuntura vieram a suscitar pertinentes dúvidas e relacionados questionamentos sobre o processo de formação da identidade, motivação coletiva e/ou individual, dentre os processos de secularização e dessecularização previamente analisados no interior do *campus* e em suas circunvizinhanças.

Dados gerais, captados a partir de pesquisas anteriormente realizadas por disciplinas curriculares, revelam um mapa da realidade da presença religiosa no *campus* da universidade (UEL/PR). Os números compreendem a um questionário aplicado a 577 indivíduos, graduandos, de oito dos nove centros de estudo presentes na universidade (CLCH, CECA, CESA, CCA, CEFD, CTU, CCB, CCE), compreendendo cerca de pouco mais de 4% de toda a comunidade estudantil dos cursos de graduação. Compreendidos, em sua maioria, em uma faixa etária que varia entre 20 e 24 anos (59,27% do total avaliado na pesquisa), a relação entre a presença da religiosidade dentre os estudantes que compuseram a totalidade dessa pesquisa, contraposto aos dados relativos a àqueles que se declaram sem religião (ou que não apresentaram resposta à pergunta estipulada), revela uma propositiva discrepância quanto aos dados ilustrativos a perspectiva religiosa nacional. No Quadro 2, a seguir, apresentam-se as relações numéricas e percentuais das denominações religiosas declaradas e aferidas durante a pesquisa.

Quadro 2. Números relativos as denominações religiosas presentes na UEL (2010).

DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS	RESPOSTAS AFERIDAS	PERCENTUAL AVALIADO
Católica	271	47%
Evangélica	75	13%
Espírita	29	5%
Religiões afro-brasileiras	4	1%
Judaica	0	0%
Islâmica	0	0%
Outras denominações	22	4%
Sem religião	165	29%
Sem resposta	11	2%

Fonte: Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas (CCH), disciplina 1SOC714. Prof. Dr. Ronaldo Baltar, 2010ⁱ.

Com base na projeção dos dados da pesquisa, é possível trabalhar afim de complementar as análises dispostas a partir do trabalho de campo, focando em um estudo de caso sobre um grupamento específico, possibilitando compreender como os aspectos modernos – de incertezas relativizadas – influenciam na relação de certezas dogmáticas representado pela religião e pela religiosidade. Nota-se que, mesmo que a quantidade daqueles que se declararam não possuir religião, apresenta-se em uma posição inferior a quantidade de pessoas que declararam possuir algum vínculo religioso (31% e 69%, respectivamente). Essa característica fundamental denota que a presença religiosa na Universidade Estadual de Londrina possui – ainda que em consoante variação com os dados nacionais apresentados – uma relevância e influência sobre o graduando. A partir da necessidade em aferir-se demais dados necessários, a proposta de um trabalho de campo focado em um estudo de caso específico faz-se necessária para compreender a presença, as estruturas e qualificações, as inferências e influências, da religião e da religiosidade no *campus* da Universidade Estadual de Londrina.

Com o intento em desenvolver as investigações acerca da temática, buscou-se uma perspectiva que abrangesse e evidenciasse as particularidades subjetivadas dos grupamentos que organizam, executam, e participam de reuniões – no interior do *campus* – sob a perspectiva da temática religiosa. Para tanto, selecionar o método analítico a ser empregado na execução dos trabalhos mostrou-se primordial para a obtenção de resultados proeminentes, aquém de puras descrições detalhadas acerca dos fatores observáveis, ou puro dialogismo entre as partes envolvidas (pesquisador/objeto).

Utilizar-se da função dialógica nos procedimentos tradicionais da entrevista, seja ela dirigida ou não, cadencia de uma expectativa que sugere um patamar igualitário entre o pesquisador e seu objeto. Esse método de coleta dos dados, apesar de instituir um ambiente partilhado entre ambos os interlocutores, afunila e obscurece os detalhes intrínsecos restritos a observância e análise dos signos, das estruturas ritualísticas, e dos sentimentos compartilhados entre os membros participantes dos grupamentos específicos selecionados para a pesquisa.

Para que a execução adequada, dentre os elementos propostos para a pesquisa de campo, possibilitasse a apreensão necessária ao estudo desenvolvido nesse trabalho, fez-se necessário estabelecer parâmetros de análise (bases e limites) referentes a relação metodológica vinculada ao objeto. Definindo-se as características básicas da observação participante, os instrumentos escolhidos para análise definiram os materiais e a abordagem utilizada na coleta dos dados: a utilização de uma caderneta de campo (para anotações primárias), seguida por um diário de campo posteriormente elaborado, para redação e desenvolvimento das anotações, do material coletado e dos elementos e detalhes observáveis durante as reuniões do grupo.

A pesquisa participativa, munida da observação participante, possibilita a inserção do pesquisador ao grupo analisado sob um viés de compreensão e abstração, percepção e coerência. A utilização de elementos da etnografia, de técnicas de notação, descrição e interpretação, se alinham a determinações dinâmicas desenvolvidas naturalmente pelo objeto em seu ambiente e suas singularidades, podendo ser categorizadas, catalogadas e analisadas as liminaridades perceptíveis e descritivas, assim com as subliminaridades significantes dos ritos sob o qual se estruturam as reuniões escolhidas para compor a pesquisa.

Na realização do empreendimento etnográfico há, portanto, um paradoxo que se manifesta quando se pede ao antropólogo que utilize os recursos disponíveis de sua sensibilidade para introjetar em si mesmo os significados da cultura que investiga e, por outro lado, em nome da objetividade e das formas legítimas de representação acadêmica, pede-se que esta experiência seja colocada sob padrões que em geral deixam de lado importantes dimensões destes significados. Acompanha esse paradoxo o equívoco de se postular para a representação etnográfica níveis autônomos de apreensão da realidade. Mesmo que os antropólogos estejam conscientes de que os fatos não falam por si mesmos, conforme defendeu

Malinowski, as etnografias pretendem que os documentos apresentados, as descrições, possam ser referidos como *atos brutos*, não contaminados pelo uso interpretativo que se quer fazer deles. Como se a própria descrição, ou os elementos como os quais a compomos, já não fosse em si mesma uma forma de interpretação da realidade. (SILVA, 2005, p. 121-122)

A exposição dos fatos não permanece restrita a simples análise descritiva. O que se propõe no decurso da utilização dos elementos antropológicos para a observação, coleta e análise dos dados, nada mais é do que um modelo consistente que permita uma interpretação consciente de todo o espectro de significados e significâncias, das estruturas, e dos processos objetivados e subjetivados que venham a interpretar e representar partes possíveis do todo compreendido pela pesquisa. Nas afirmações de José Carlos Magnani, “a etnografia não é mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se observa, e a forma como se ordenam as primeiras observações, já obedecem algum tipo de classificação” (MAGNANI, 1996, p. 37).

PERCEPÇÕES DO OBJETO

Iniciando-se a investigação sobre os possíveis locais de encontros e reuniões de grupos com a ênfase na temática religiosa, em um primeiro momento, buscou-se nas proximidades dos ícones religiosos existentes na universidade. Referencialmente, no espaço da réplica da primeira capela construída na cidade de Londrinaⁱⁱ, foi possível encontrar reunidos nove homens e seis mulheres pertencentes ao Grupo de Oração Universitário (GOU)ⁱⁱⁱ. Numa percepção inicial a partir da intenção de se observar a divisão estrutural das reuniões, foi possível acompanhar o seguinte ordenamento esquemático dos trabalhos desenvolvidos para aquela reunião: (1) prelúdio; (2) cânticos de louvor ritmados por instrumentos musicais e entrosamento contínuo com o uso de coreografia; (3) orações positivadas destinadas a integrantes específicos; (4) objetivos específicos referenciais a presente reunião; (5) utilização de teatralidade na composição da temática trabalhada, com intervenções e inferências dedutivo-explicativas, auxiliadas pelo uso analógico de eventos cotidianos; (6) oração de encerramento com características ritualísticas católicas.

A divisão esquemática desta primeira reunião mostrou-se primordial quanto aos aspectos observáveis que se desenvolveriam ao longo da pesquisa. A roteirização da estrutura demonstrou assertiva na rotina quanto aos aspectos principais relativos a usualidade das reuniões, pouco variando sua estrutura ao longo das demais reuniões. Acompanhando as subsequentes reuniões ao longo do período determinado para a observação, pôde-se

subdividi-las em processos específicos e ordená-los a partir das ações e dos encaminhamentos celebrados entre os organizadores e os membros atuantes (ativos ou passivos) pertencentes ao grupamento.

A teatralidade, ou recursos derivados usualmente utilizado pelo grupo, possibilita a interação e inserção dos membros participante (novatos ou veteranos) às temáticas abordadas para a presente reunião. Apesar da importância também relegada as demais subdivisões da reunião, é este o momento de maior entusiasmo entre os participantes, de maior trabalho na elaboração e realização, e de maior proeminência objetiva de toda a reunião. Utilizando-se dos temas performáticos presentes nas encenações tradicionais utilizados na encenação da *Paixão de Cristo* – como uma celebração católica tradicional –, a temática abordada apresentava elementos do cotidiano dos estudantes; vinculavam as relações precedentes na história tradicional à relações cotidianas vivenciadas pelos graduandos no meio acadêmico. A utilização das esferas do cotidiano social passa a ser utilizado como meio para se evidenciar as relações entre o sagrado, na presença da necessidade de certezas dogmáticas, que influenciem os aspectos insurgentes [modernos] da vida e da rotina do indivíduo.

A utilização desses elementos mundanos intercalados com os ritos religiosos tradicionais, no entanto, não interferem na estrutura compreendida pelo sagrado. Ao trazer para o meio religioso os problemas e as vicissitudes do convívio social moderno – os problemas e as abstrações proeminentes da sociedade moderna – os ritos passam a inferir sobre certa legitimidade imagética quanto as perspectivas e percepções, expectativas e apreensões, dos indivíduos presentes na reunião. Ademais,

por mais onipresente que seja a religião, uma esfera de liberdade profana é sempre preservada pelo jogo de uma exigência de correlação o mesmo tempo lógica e psicológica, pois o sagrado só adquire sentido na perspectiva do profano; e o homem só pode conceber o poder sagrado comparando-o com o seu próprio poder – é porque ele às vezes triunfa que supõe um ser que possa triunfar onde ele fracassa; a experiência de uma ordem e de uma atividade imanentes é necessária para chegar a postular a existência de uma atividade e de uma ordem transcendentes. (LABURTHE-TOLRA, 1997, p. 215)

A relação imagética dada a esse processo de teatralidade denota a associação necessária entre os aspectos sociais evidenciados como uma problemática fundamental, presente no roteiro previamente estruturado, em contraste à solidez de relações – de certezas no processo social cotidiano –, evidenciando tal como a busca de determinados elementos de confiança presentes no cerne dogmático existente nos matizes religiosos tradicionais. A temática desenvolvida a cada etapa da performance apresentada recobra elementos e aspectos

encontrados pelos indivíduos no convívio do meio acadêmico, assim como os desprendimentos das relações societárias cotidianas presentes na modernidade.

A estrutura da reunião apresenta sutis mudanças de acordo com a temática abordada a cada semana. Porém, a estrutura básica permanece relativamente inalterada, os vínculos e ações de alguns dos participantes mantêm-se apresentando características funcionais durante todas as reuniões. Outros processos dinâmicos, no entanto, (como o uso inconstante da teatralidade, por exemplo) se alteraram, compondo um processo intuitivo quanto a existência de uma rotina relativizada, onde cada componente compreende o seu papel atribuído – de desempenho passivo ou ativo – dentro dos objetivos da reunião.

DADOS COMPARADOS

Os dados gerais e específicos referentes a origem da religiosidade presente entre os graduandos são passíveis de comparações relativas, possibilitando, assim, verificar as reminiscências do processo de desenvolvimento do jovem em sociedade. Não se trata, como equivocadamente poder-se-ia supor, de uma influência religiosa diretamente direcionada pela instituição de ensino, mas sim de influências anteriores – concomitantemente presentes nos aspectos catequizantes do proselitismo atuante – que abastece, direta ou indiretamente, a busca por respostas no processo religioso.

Referenciando-se pela pesquisa de âmbito geral realizada com os 577 estudantes, quando questionado sobre a perspectiva da convivência na universidade e a influência desta na religiosidade atribuída aos indivíduos presentes na pesquisa, os dados apresentaram-se díspares em relação ao esperado. Aqueles que relatam não terem o interesse religioso influenciado pela convivência na universidade, somado a aqueles que relatam terem o mesmo diminuído, perfazem um total de 64%. Apenas 5,7% relatam terem o interesse religioso aumentado pelo seu convívio na universidade, enquanto 30,3% optaram por não responder ao questionamento. De fato, esses números adversos instigam mais perguntas em relação a influência da religião sobre o estudante.

Para os dados gerais, avaliados na pesquisa realizada com 577 graduandos da universidade, a influência religiosa advinda da tradição familiar aparece em 65% das respostas; enquanto, na pesquisa específica realizada por estudantes do curso de Serviço Social da UEL, juntamente aos indivíduos do Grupo de Oração Universitário^{iv}, os dados referentes a influência da tradição familiar aparecem em 62% do total aferido. O número dos estudantes do GOU que compuseram essa pesquisa é relativamente estável para dias de baixo movimento

nas reuniões, o que caracteriza apenas uma parcela relativa de 2,25% dos estudantes que compõem a pesquisa anteriormente realizada (ou ainda 0,1% dos estudantes de graduação da universidade).

O tempo de frequência e a regularidade da frequência a cultos e práticas religiosas (regulares e/ou esporádicos) ajudam a identificar a disposição da presença e influência religiosa no *campus*. Enquanto 10 dos 13 estudantes pertencentes ao GOU (76% do total) relataram sempre terem frequentado igrejas ou cultos e, com a frequência da participação e presença em igrejas ou cultos abrange quase a totalidade dos pesquisados (apenas uma pessoa optou por não responder a questão), é possível verificar dois aspectos. Primeiramente, o tempo de frequência denota a influência da tradição familiar sobre os membros do grupo. Segundo, que na verificação dos dados da frequência (regular e/ou esporádica) apresentada nos dados gerais, o total de 319 pessoas (55%) participam de práticas religiosas de alguma igreja ou culto – esporadicamente 152 (26%); regularmente 167 (29%) –, o que possibilita perceber que há uma presença e influência religiosa existente na universidade, porém não nos moldes liminares atribuídos a uma influência direta do convívio em uma sociedade moderna.

MODERNIDADE

Intentando sobreviver a miscelânea de relações díspares, de vínculos e ações difusas, ao imediatismo de mutações inconstantes e valores relativizados, é possível perceber como as relações estruturais modernas conduzem o graduando, dentro da esfera da vida pessoal-acadêmica, esbarrando e estagnando na busca por respostas consistentes aos descaminhos irregulares, desconexos e líquidos, desenhados pelo atual aspecto da modernidade. A relação atribuída à identidade religiosa contrafaz a inserção e interação do estudante em uma relação de solidez societária possibilitada pelo contato com o sagrado. As certezas, oriundas da vivência religiosa dissimulam esse apanhado disforme de relações entre indivíduos presentes em um mesmo grupo – com vivências, questionamentos, e experiências semelhantes para com as incertezas desenhadas pela modernidade – atribuindo a si relações identitárias, relacionadas às doutrinas apregoadas pelas certezas dogmáticas que encontram nas reuniões e outras manifestações religiosas difundidas e realizadas no *campus*.

Baseando-se nas características atribuídas a atual modernidade (BAUMAN, 2001, 2007, 2009), é possível estabelecer relações díspares que diferem inversamente do processo conceitual de liquidez proposto pelo autor. Esta não ocorre diretamente controversa, negando as características relacionais e as motivações teórico-conceituais a que se dispõe o conceito

trabalhado de modernidade liquefeita. Trata-se, no entanto, de uma resposta as sinuosidades relacionais e as disposições características do conceito evidenciado pelo autor.

As relações dispostas em uma modernidade sólida derivam das relações de liquidez contextualizadas e referenciadas à uma modernidade subsistente.

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem [...]. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar, se adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar. (BAUMAN, 2001, p. 14)

Essa simples ideia de *lugar* atribui a condição humana destaque mais notório do que o relativo espectro de localidade geograficamente definida. A condicionalidade do jovem às suas novas atribuições e responsabilidades da imediação de uma vida adulta – a emergência das relações humanas e a das novas retóricas que se estabelecem no imediatismo dessa novas categorias de responsabilidades – encarecem a relação abstrata de lugar, num sentido de pertencer, de reconhecer, numa afetividade diretamente relacionada à aspectos vivenciais. Não mais como uma localidade com um ponto fixo e existente em meio físico, o lugar passa a ser o decurso relativo de uma vida adulta, de imediatismos relacionados e abastecidos pelos desafios que, tanto a maturidade exigida como os aspectos da modernidade, se empenham em embaraçar-se e perder-se no decurso generalista em um vórtice de relações conflitantes e confusas.

A problemática dessa nova modernidade se evidencia quando os moldes e os padrões não satisfazem majoritariamente as exigências atribuídas ao indivíduo, sendo que, os padrões, antes facilmente identificáveis, passam, momento a momento, a serem obscurecidos no limiar da constante mudança, do instante, da própria modernidade em seu caráter fluido e liquefeito.

Hoje, os padrões e configurações não são mais dados, e menos ainda autoevidentes; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram redassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), pra serem formados e reformados por suas flexões e torções. (BAUMAN, 2001, p. 15)

As desventuras de um mundo pós-moderno – das relações liquefeitas, individuais e instantâneas – direcionam as perspectivas e a busca por respostas a uma solidez ainda encontrada nos dogmas e certezas dispostas na religiosidade e no convívio com o religioso e o

sagrado. É nessa realidade controversa que o graduando dispõem-se a buscar respostas na religiosidade como forma de apaziguar a confusão de miscelâneas e diversidades, de insegurança e relatividades, presentes nos desafios e paradigmas contidos e apresentados pela modernidade.

Analogicamente, portanto, uma modernidade sólida seria aquela em que encontram-se presentes certos conjuntos estáveis de valores. Na modernidade líquida há a volatilidade dessas mesmas conjunturas; as relações sociais não encontram-se mais definidas, perde-se a consistência e a estabilidade das relações sociais antes tidas como imutáveis certezas. Para Bauman, a sociedade

líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais as ações de seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. [...] numa sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. (BAUMAN, 2007, p. 7)

Essa solidez apresenta-se conceitualmente derivada dos atributos próprios de uma sociedade liquefeita, ultrapassando as relações individuais superficializadas na emergência de uma vida adulta instantânea, de suas responsabilidades recém atribuídas e de desafios imediatos de independência a uma pós-adolescência inacabada, inconclusa. É nesse limiar de relações exigidas e estabelecidas pelo convívio em uma sociedade de valores relativizados que a religiosidade age defronte o jovem: na busca de respostas essencialmente assertivas, de certezas imutáveis; na formação de um processo identitário que possibilite a compreensão e a sobrevivência numa sociedade onde os valores relativizados encontram-se numa constante mutação de incertezas paradigmáticas instantâneas.

Das concepções culturais difusas presentes na modernidade, passando pelo redemoinho das relações entre os indivíduos/atores, aportando nas características weberianas quanto a relação da busca individual em face ao tipo ideal, realocando os fatores tradicionais condensados na própria estrutura e formação do sujeito no âmbito familiar, desenvolvendo os descaminhos do convívio social, transpondo os elementos clássicos de análise e perspectivas temáticas; um fato dado ao destaque é não poder sequer esperar que uma simples relação de interpretações culturais pudesse, de fato, expor e explicar aquilo que remonta a identidade dos atores envolvidos nos meios sociais pesquisados. O mesmo *pot-pourri* de relações sociais, aparente determinante do expoente moderno, permite-se somar as expiações e explicações que busca-se na análise das relações que geraram a base e o desenvolvimento da pesquisa. Se possível fosse, se afirmaria unicamente que apenas os aspectos culturais possibilitam deter as

relações indentitárias de seus atores quanto a disposição do meio. As conclusões seriam, então, perigosamente preliminares. Ao desenvolver essa relação entre indivíduo e cultura faz-se necessário compreender todas as variáveis, tanto àquelas relativas a origem, quanto àquelas moldadas no destino do tempo, quanto mesmo àquelas rechaçadas apenas pela vontade individual em fazê-lo.

A gravidade que distorce as relações sociais e a busca por certezas dentro de uma modernidade repleta de dúvidas e inseguranças, propõe ao indivíduo, cansado e perdido no vórtice da cadencia social supostamente secularizada, uma gama de verdades que dão sentido ao mais completo absurdo que a atual modernidade impõe de todas as formas em todos os meios atuantes. Os antigos modelos morais ditados no ideal religioso iluminam os mares seguros na busca da verdade nos tortuosos meios e (des-)caminhos modernos. É nessa confusão que potencializada teoria do desencantamento e da secularização encontrará seu maior obstáculo: o apego a redenção mundana na necessidade do indivíduo em localizar-se com aquilo que apresenta-se como certo, ordeiro, verdadeiro, sólido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reminiscências religiosas permanecem aparentemente estáveis quando analisado o perfil da população brasileira. Quando verificados os processos sociais relativos a própria constituição social, a religião e a religiosidade apresentam-se ainda como um considerável expoente de ação formadora e transformadora. A existência dos processos seculares encontra seu entrave mais promissor dentro dos aspectos ímpares da própria modernidade. O caos gerado pela liquidez do moderno alimenta as correntes que caminham contra aquilo que parecia inevitável. A religiosidade encontra seus meios de atuação onde as instituições e os ideais modernos encontram sua falência. Os obstáculos da vida moderna entregam a uma busca por solidez e uma cadencia moral apaziguadora o confuso jovem graduando, que se encontra-se perdido num rodameio de constantes transformações. As lembranças atuantes das ênfases tradicionais e conservadoras atuam, liminar ou subliminarmente, sobre a formação identitária e sobre a ação cotidiana dos atores envolvidos no processo de sociabilidade moderno.

Os meios de atuação religiosa presentes no campus da Universidade Estadual de Londrina dispõem de um fértil campo onde semear os ideais de suas instituições, já defasadas pelo rápido segundo disputado pela modernidade atual. Utilizando-se de argumentos que inserem ao jovem a esperança fundada na quebra dessa alegoria de

aleatoriedades e individualismos, e pautando-se numa moral resistente e persistente de valores enunciados em uma dignidade exemplar, com frutos e imediatismos brandos, disponíveis à serem colhidos por quem caminha a sombra de uma retidão ambígua aos novos tempos. O discurso apaziguador encontra nos descaminhos da própria modernidade um solo fértil e receptível aos ideias dogmáticos tradicionais que direcionam, apaziguam, interagem e descrevem toda uma cadência de eventos cotidianamente sobrepostos.

A análise da atuação de grupamentos específicos sobre a temática religiosa, e a contraposição dos dados gerais sobre a presença religiosa na universidade, permite perceber e dialogar acerca dos caminhos trilhados para a inserção de uma suposta secularizada ideologia dentro dos meios acadêmicos e modernos. Possibilita perceber como as memórias religiosas tradicionais influenciam na forma e nos aspectos mais específicos da formação identitária do graduando. Possibilita, ainda, seguir as nuances e perceber como são trilhados os caminhos onde a esperança e a realidade ambígua encontram a falência dos meios e dos fins estabelecidos, e de que forma esse agir religioso encontra argumentos para firmar-se sobre a vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe. *Etnologia-Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARX, Karl. **Crítica de la filosofía del estado de Hegel**. Mexico: Grijalbo, 1968.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

ⁱ Disciplina curricular ministrada pelo Prof. Dr. Ronaldo Baltar no ano de 2010, o qual gentilmente cedeu os dados coletados para a análise do perfil religioso dos alunos no campus da Universidade Estadual de Londrina.

ⁱⁱ “A Capela Ecumênica da UEL é uma réplica da primeira capela erguida em Londrina, em 1934, onde hoje está a Catedral da cidade. A Capela da UEL, além de ser um resgate histórico e arquitetônico, tem a importância de ser um espaço para a meditação e recolhimento espiritual. A capela está localizada entre o CCE e o CESA”. FONTE: UEL. **Sua vida na UEL**. Disponível em: <<http://www.uel.br/portal/dados-uel/index.php?content=vida-uel.html>>. Acessado em set. 2012.

ⁱⁱⁱ O GOU é um grupamento de matiz católica, pertencente a Renovação Católica Carismática do Brasil, correlacionado a um projeto de âmbito nacional coordenado pelo Movimento Universidades Renovadas (MUR). Possui como público-alvo principal estudantes universitários e, segundo dados da organização, possuem

aproximadamente seiscientos grupos atuantes no país. Atuam a partir de processos dinâmicos e temáticos, possibilitando ações específicas elaboradas a partir do contexto o qual estão inseridos. São diretamente coordenados pelos próprios universitários, que são responsáveis pela organização e realização das reuniões, que são realizadas no meio acadêmico, ou mesmo nas adjacências do *campus* universitário.

^{iv} Essa pesquisa foi realizada por alunas do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina como o intuito de formular uma base de dados para pesquisas acerca do grupo e da presença religiosa dentro do *campus* universitário. A pesquisa foi supervisionada pela Prof. Dr. Cláudia Neves da Silva, vinculada ao departamento de Serviço Social da UEL.